

Ossos do ofício: um caso de práticas antropométricas no norte de Moçambique (1916-1917)¹

Leonor Pires Martins

Doutoranda em Antropologia, ISTCE

leonor.piresmartins@gmail.com

Por ocasião da I Guerra Mundial, o médico Américo Pires de Lima integrou uma expedição militar ao norte de Moçambique. Aproveitando a estada naquela antiga colónia portuguesa o jovem médico ocupou o tempo livre com o estudo da flora, fauna e antropologia indígenas, recolhendo espécimens botânicos, zoológicos e diversos artefactos. Fazendo uso da técnica da antropometria realizou ainda mensurações em mais de uma centena e meia de nativos moçambicanos e procedeu à descrição dos seus caracteres fisionómicos. Utilizando diversas fontes literárias de natureza autobiográfica, memorialística e técnica da autoria de Pires Lima, este texto pretende recuperar a sua experiência no litoral norte de Moçambique em 1916-1917 e reflectir sobre os interesses do médico pelas “raças” moçambicanas à luz das práticas antropológicas suas contemporâneas.

Palavras-chave: Antropologia física; Moçambique; Colonialismo; I Guerra Mundial

1.

Em 1918 a revista *Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto* publicou um artigo com o título de “Contribuição para um estudo antropológico dos indígenas de Moçambique” que revelava interesses no domínio da antropologia física e biológica. Este texto, redigido por Américo Pires de Lima (1886-1966), representava um esforço de sistematização das observações e mensurações antropométricas de populações locais realizadas pelo jovem médico durante o período em que integrou terceira expedição militar ao norte de Moçambique (Lima 1918a). O interesse pela aplicação de práticas de natureza antropométrica, a que não estava obrigado pela sua participação na campanha, foi

¹ Este texto é uma transcrição fiel da comunicação que foi apresentada no painel intitulado “Raça, Eugenia, Nação e Império”. Uma versão mais desenvolvida e trabalhada foi posteriormente publicada (vd. Martins 2006).

principalmente devido ao incentivo de dois colegas da Faculdade de Ciências do Porto, instituição onde leccionava ciências biológicas, e também ao enquadramento específico do desempenho das suas funções naquele território. A missão contou com aprovação ministerial e o apoio das autoridades locais.

Américo Pires de Lima embarcou no início de Junho de 1916. Nessa altura, Portugal era formalmente, desde Março desse ano, uma nação beligerante no contexto da I Guerra Mundial (1914-1918), embora as acções do exército português nesse conflito se tivessem iniciado bastante antes no continente africano. Na realidade, desde o final de 1914 que essas intervenções militares ocorriam em Angola e em Moçambique, colónias que confinavam com territórios então sob administração colonial alemã (Arrifes 2004). Mais adiante, veremos que este conflito proporcionou a Pires de Lima condições particularmente favoráveis à realização de estudos de antropometria, designadamente pela oportunidade de serem estabelecidas comparações entre diferentes grupos humanos.

Durante a sua permanência em Moçambique, o médico português ocupou o tempo que sobrava da actividade clínica recolhendo “todos os elementos possíveis para o estudo da flora, da fauna e antropologia indígenas”, como recordou em 1943 no prefácio de um volume que reunia os textos decorrentes daquela experiência em África (Lima 1943: vii). Assim, Pires de Lima, desenvolvendo uma actividade paralela à assistência médica prestada às tropas expedicionárias portuguesas ali estacionadas, recolheu espécimes zoológicos, exemplares da flora (plantas e líquenes, sobretudo) e um pequeno número de artefactos, entre os quais, quatro estatuetas maconde, provavelmente as peças etnográficas mais importantes que adquiriu no norte de Moçambique (Afaa 1989; Lima 1918b). Na tradição das expedições e viagens científicas setecentistas e oitocentistas, a missão de estudos de Pires de Lima – ainda que condicionada pela modéstia dos recursos logísticos, técnicos, materiais e humanos disponíveis para o exercício de averiguações científicas – compreendeu uma importante diversidade de interesses, sendo notório o espírito cumulativo com que procedeu à recolha de informação.

Em larga medida, a variedade desses interesses pode ser ilustrada através do destino dado aos resultados da recolha de Pires de Lima, no seu regresso a Portugal em 1917. Estes tiveram como destino diferentes secções museológicas da Faculdade de Ciências do Porto e

outras entidades estrangeiras ligadas ao ensino e à investigação. Deste modo, uma parte significativa da sua colecção de botânica foi doada a um liquenólogo finlandês (Edvard A. Vainio) que, no final da década de 1930, classificou várias dezenas de novos líquenes e outros espécimes vegetais recolhidos pelo médico português. Já as suas colheitas no campo da zoologia – apesar do facto de muitos dos exemplares se terem deteriorado, em virtude das precárias condições de armazenamento e de conservação de que dispunha – foram oferecidas ao Museu de Zoologia da sua faculdade e também a um entomologista espanhol. Por sua vez, os artefactos trazidos de Moçambique foram depositados no acervo do Museu e Laboratório Antropológico daquela mesma faculdade, criado em 1914 por António Mendes Correia (1888-1960), colega de curso de Pires de Lima na Escola Médica do Porto.

2.

Durante a sua estada em Palma e Mocímboa da Praia, Pires de Lima reuniu ainda dados sobre os caracteres fisionómicos de 170 indígenas moçambicanos, todos adultos e do sexo masculino. O exercício de classificação fisionómica e racial de indivíduos – em que se inscrevem os levantamentos antropométricos realizados pelo médico expedicionário – compreendia o estudo anatómico e metrológico do corpo humano: isto é, de uma parte, a observação e a descrição dos seus caracteres físicos e, de outra parte, a aplicação da técnica da antropometria. No estudo de Pires de Lima não é identificável um propósito prelevante de associação de traços psicológicos e comportamentais a traços físicos particulares. Parece-me, ao invés, que a actividade antropométrica exercida por Pires de Lima foi sobretudo orientada para a acumulação de dados sobre características fisionómicas por forma a contribuir para a elaboração do imenso arquivo da diversidade humana ambicionado pelo projecto antropológico de Pierre P. Broca e Paul Topinard que o médico português perfilhava.

Quer a actividade descritiva – atenta à cor da pele dos indivíduos, ao aspecto do cabelo e da dentição, à forma do nariz e dos lábios, às tatuagens e outros sinais corporais particulares –, quer o exercício de mensuração do corpo humano – por forma à obtenção de valores médios relativos à estatura dos indivíduos observados, os seus índices cefálico, facial e nasal, entre outros indicadores – exigiram o manuseamento de diversos

instrumentos e aparelhos. Pires de Lima não dispunha de uma vasta aparelhagem antropométrica. Na realidade, eram extremamente limitados os recursos de que dispunha, uma vez que apenas conseguira transportar consigo três instrumentos que lhe tinham sido cedidos por um colega da Faculdade de Medicina de Lisboa: uma fita métrica, um compasso de espessura e um outro de correição. Desta forma, e como fica sugerido num passo do seu artigo, a improvisação e a criatividade supriram a inexistência de outros instrumentos necessários à prática antropométrica. De uma porta de madeira, por exemplo, o médico expedicionário fez uma craveira, gravando nela a escala com o auxílio da fita métrica (Lima 1918a: 23-4).

Por outro lado, em virtude da prática rotineira da inspecção de corpos humanos nas actividades clínicas, os profissionais da medicina seriam particularmente aptos para o exercício da antropologia física e da antropometria. No entanto, Pires de Lima ressentia a impossibilidade de utilizar uma escala de cores no decurso das suas observações, porquanto, sem o auxílio visual daquela ferramenta, entendia ser limitada em precisão a classificação dos grupos humanos observados em função da cor da pele. Ao fim e ao cabo, os diversos instrumentos antropométricos tinham por função aperfeiçoar a percepção dos praticantes da antropometria, procurando evitar estimativas produzidas a partir da observação a olho nu, julgada excessivamente sensorial e imprecisa. No fundo, a utilização daqueles aparelhos visava disciplinar os sentidos do observador e atenuar a interferência da sua subjectividade na produção de resultados (Dias 1996: 33-4).

Relativamente às circunstâncias específicas em que o estudo de antropometria realizado por Pires de Lima foi desenvolvido, são várias as questões que ficam sem esclarecimento, designadamente sobre as condições logísticas e técnicas em que o médico militar efectuou as observações (no espaço da enfermaria? num laboratório propositadamente montado para aquele fim? foi auxiliado por alguém? em quanto tempo realizou as mensurações?). Na verdade, a literatura de cariz técnico e memorialista deixada por Pires de Lima, ainda que constitua um importante repositório de informação sobre a sua experiência biográfica no norte de Moçambique durante a *Grande Guerra*, não clarifica todos os aspectos que rodearam a sua actividade no campo da antropometria.

Conhecemos, contudo, um aspecto muito importante que, em meu entender, não deve ser menosprezado. Reporto-me à situação de conflito vivida no norte de Moçambique por altura da permanência do médico português na região, facto que motivou o seu recrutamento e que, contrariamente àquilo que poderia supor-se, teve um papel determinante no que respeita à configuração da amostra do estudo de antropologia física de Pires de Lima. É o próprio médico quem o sugere logo no início daquele seu texto de 1918:

As circunstâncias derivadas da guerra contra a *Deutsch Ost Afrika* provocaram a concentração, no norte da província, de grande número de indígenas de toda a colónia – uns recrutados como carregadores, outros como soldados das companhias indígenas. Assim, sem sair do Niassa, tive a possibilidade de reunir mensurações antropométricas (...) de várias raças de Moçambique, as quais me servem de base a este estudo.” (Lima 1918a: 5).

Na presença do excerto citado, é notório que o conflito no norte de Moçambique proporcionou circunstâncias extraordinárias de pesquisa ao médico português, já que nos locais onde esteve estacionado (primeiro em Palma e, depois, em Mocímboa da Praia) pôde observar indígenas provenientes de diferentes regiões do território (de Tete, Inhambane, Quelimane, etc.). Em vez de ter sido um obstáculo à realização do seu “estudo antropológico”, a guerra gerou condições particulares de pesquisa, oportunamente aproveitadas por Pires de Lima.

As observações antropométricas de Pires de Lima aconteceram, portanto, num ambiente militarizado e com o recurso a nativos moçambicanos que integravam a sua expedição. De alguma maneira, estamos perante um caso em que a instituição militar foi parte importante no processo de produção de conhecimento sobre as populações locais daquele território sob administração colonial portuguesa. Assinale-se que no espaço geográfico da “metrópole” a colaboração entre a estrutura militar e a comunidade científica tinha já produzido alguns resultados desde os anos finais do século XIX, havendo notícia de alguns trabalhos de antropometria realizados entre recrutas do exército português (Roque 2001: 261-2). No caso particular de Pires de Lima, a colaboração entre a estrutura militar e a esfera académica (a Faculdade de Ciências do Porto) foi formalizada através de um despacho ministerial datado de 31 de Maio de 1916. Por outro lado, e como já tive ocasião

de referir, a observação de indivíduos em situação de recrutamento – de soldados e carregadores indígenas que se encontravam ao serviço das tropas expedicionárias portuguesas – possibilita uma associação imediata do seu estudo ao universo dos projectos de antropometria militar que, não chegando a institucionalizarem-se em Portugal, tiveram expressão em alguns trabalhos esporádicos.

3.

Para terminar, gostaria de acrescentar que, se nos reportarmos à segunda década do século XX, são raros os estudos de antropologia física apoiados na aplicação da técnica da antropometria a populações do “império” português que poderão ser referenciados. Os casos existentes são, no meu ver, circunstanciais e episódicos – como, de resto, penso que deverá ser encarado o estudo de Pires de Lima. Contudo, esta constatação não lhe retirará o carácter precursor dos seus levantamentos antropométricos no norte de Moçambique, facto que é assinalado por Rui Pereira na introdução à reedição do primeiro volume de *Os Macondes de Moçambique* de António Jorge Dias (Pereira 1998). De facto, será somente em meados da década de 1930, em pleno regime do Estado Novo, que a antropologia portuguesa, na sua vertente física e biológica, se implantará de forma mais sistemática e continuada no terreno colonial através das “missões antropológicas” que foram dirigidas por Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (1901-1990) em território moçambicano (Pereira 1998).

Referências Bibliográficas

AFAA, 1989, *Art Makondé: Tradition et Modernité*, Paris, ADEIAO.

ARRIFES, Marco Fortunato, 2004, *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa. Angola e Moçambique (1914-1918)*, Lisboa, Edições Cosmos, Instituto de Defesa Nacional.

DIAS, Nélia, 1996, “O corpo e a visibilidade da diferença”, em ALMEIDA, Miguel Vale de (org.), *Corpo Presente. Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*, Oeiras, Celta, 23-44.

- LIMA, Américo Pires de, 1918a, “Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique”, *Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto*, IV (3), 1-100.
- _____, 1918b, “Notas etnográficas do norte de Moçambique”, *Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto*, IV (2), 341-361.
- _____, 1933, *Na Costa d’ África. Memórias de um Médico Expedicionário a Moçambique*, Gaia, Edições Pátria.
- _____, 1943, *Explorações em Moçambique*, Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- MARTINS, Leonor Pires, 2006, “Ossos do ofício: antropometria e etnografia no norte de Moçambique (1916-1917)”, em SANCHES, Manuela Ribeiro (org.), *Portugal não é um País Pequeno*. *Contar o “Império” na Pós-colonialidade*, Lisboa, Cotovia, 113-139.
- PEREIRA, Rui, 1998, “Introdução à reedição de 1998”, em DIAS, Jorge, *Os Macondes de Moçambique. I. Aspectos Históricos e Económicos*, Lisboa, CNDP/IICT, V-LII.
- ROQUE, Ricardo, 2001, *Antropologia e Império: Fonseca Cardoso e a Expedição à Índia em 1895*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.